

Estiagem coloca a região em alerta contra queimadas

A forte estiagem que castiga a região de Campinas, e que deve perdurar até o final do mês, aumenta os riscos de incêndios florestais e queimadas. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), são altos os riscos de fogo em Campinas e nas cidades do entorno. Em Valinhos, a Serra dos Cocais tem sofrido com as queimadas nos últimos dias. **PÁGINA A4**

Dificuldade de acesso a locais prejudica combate

O Corpo de Bombeiros sofre com os deslocamentos em área de mata

Combater queimadas em área de vegetação é um trabalho difícil, especialmente pela dificuldade de acesso, de deslocamento do caminhão até a área. “Temos que entrar no mato com bomba costal onde conseguimos levar apenas 18 litros de água e o abafador”, explica o capi-

tão Marcos Palumbo. Desde o ano passado, a Operação Corta Fogo passou a contar com um avião no combate a incêndios em grandes áreas de difícil acesso para os bombeiros. O único avião atende todo o Estado, de acordo com a gravidade da ocorrência, e é capaz de levar 545 li-

tros de água. As equipes também contam com o apoio do helicóptero Águia, da PM.

“É toda uma estrutura que precisa ser deslocada, muitas vezes por causa de uma bituca de cigarro”, afirmou o capitão. Segundo ele, 90% dos incêndios em beira de estrada são causados por bituca de cigarro. “Lembrando que não atendemos somente ocorrência de incêndio em mato, porque continuam acontecendo acidentes, quedas, parada respiratória”, acrescentou.

Além dos riscos provocados pelo fogo em mato, que muitas vezes pode atingir re-

sidências, o incêndio pode provocar uma série de problemas, como a piora da qualidade do ar e o aumento de internações e problemas respiratórios. Tem ainda o risco de acidentes graves provocados pela fumaça que impede a visibilidade dos motoristas nas rodovias. Um exemplo claro foi o acidente recente na Rodovia Carvalho Pinto, que envolveu ao menos 36 veículos, deixando dois mortos e 20 feridos. Motoristas envolvidos no acidente relataram fumaça branca provocada por uma queimada às margens da rodovia, impedindo a visibilidade.

Tempo seco

Campinas já vive o seu Inverno mais seco desde 1989, quando o **Cepagri** começou a fazer os registros. Segundo a pesquisadora Priscila Coltri, entre julho e setembro deste ano foram registrados 34 milímetros de chuva. O segundo Inverno mais seco foi em 1994, quando foram registrados 50mm ao longo do mesmo período. “Desde 89, esse inverno de 2017 está sendo o mais seco”, diz. Ela acrescentou que também é o Inverno com maior número de dias com umidade relativa do ar abaixo de 15%.

De julho a setembro são

15 dias com umidade abaixo de 15%, que é considerado estado de alerta. A última chuva registrada em Campinas este ano foi no dia 21 de agosto (5.33mm).

“Vale ressaltar que o mês de agosto não ficou abaixo da média em termos de volume de chuva. No entanto, todo esse volume aconteceu em apenas seis dias (34,03mm), entre os dias 16 e dia 21. Em outros dias do mês não registramos chuva nenhuma, nem no início do mês nem no final.” Os meses de julho e setembro não tiveram registro de chuva. (IM/AAN)